



HEIDEGGER LEITOR DE HUSSERL: SOB A SOMBRA DA FENOMENOLOGIA¹

José Reinaldo Felipe Martins Filho
Doutorando em Ciências da Religião pela PUC-GO

RESUMO: Este artigo busca apresentar as fenomenologias de Husserl e de Heidegger não como dois caminhos isolados na construção do que posteriormente representou a tradição fenomenológica, mas, ao contrário, identificando pontos de intersecção entre estes dois autores. Para isso recorre ao texto *Mein Weg in die Phänomenologie*, de Heidegger, publicado em 1963, no qual o já septuagenário filósofo recorre ao seu itinerário pessoal junto à fenomenologia e ao quanto a obra e, posteriormente, a figura de Husserl se mostrariam marcantes na elaboração de seu pensamento – desde suas iniciais intuições como estudante de teologia, passando pelos primeiros anos como professor universitário e culminando na publicação de *Sein und Zeit*. O reconhecimento deste itinerário exige, porquanto, que a obra de Heidegger seja enxergada em sua relação com a fenomenologia husserliana, donde não apenas recebera o método necessário para a instauração de uma ontologia fundamental, mas a radicalidade inerente à própria atividade filosofante, isto é, o direcionamento às *coisas mesmas (Sache selbst)* e, por ele, à essência do pensamento, à coisa do pensar (*Sache des Denkens*).

PALAVRAS-CHAVE: Husserl. Heidegger. Fenomenologia.

ABSTRACT: This article seeks to present the phenomenology of Husserl and Heidegger not as two isolated paths in the construction of what subsequently represented the phenomenological tradition, but, on the contrary, identifying points of intersection between these two authors. For this he uses Heidegger's text *Mein Weg in die Phänomenologie*, published in 1963, in which the already septuagenarian philosopher uses his personal itinerary together with phenomenology and how much the work and later the figure of Husserl would be marked in the elaboration of his thinking – from his early intuitions as a student of theology, going through the early years as a university professor and culminating in the publication of *Sein und Zeit*. The recognition of this itinerary requires, therefore, that Heidegger's work be seen in its relation to Husserlian phenomenology, where he not only received the necessary method for the establishment of a fundamental ontology, but the inherent radicalism of the philosophizing activity itself, that is, the direction to the *things themselves (Sache selbst)* and, by him, to the essence of thought, to the thing of thinking (*Sache des Denkens*).

KEYWORDS: Husserl. Heidegger. Phenomenology.

¹ Texto originalmente apresentado como comunicação oral no III Colóquio Internacional Husserl, com o tema “Metafísica: natureza e subjetividade”, promovido pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, de 11 a 13 de setembro de 2017.

*Mas o caminho do questionamento seria mais longo do que eu teria podido supor.
Requeria muitas pausas, rodeios e desvios [...]
(HEIDEGGER, 2009, p. 10).*

Como sabemos, está em Husserl a origem de conceitos nucleares para a tradição fenomenológica, tais como *mundo* e *mundanidade*, *ser no mundo*, entre outros continuamente referidos por Heidegger em *Sein und Zeit* – embora, reconheçamos, com sentido redimensionado. Além disso, também é preciso recordar que a intencionalidade é a base para a compreensão do *Dasein* em sua transcendência e em sua abertura ao mundo, ainda que Husserl, conforme observou Salanskis (2006, p. 109), “aumentando a função do sujeito, tenha, muito obsessivamente, reconduzido essa relação à sua fonte egológica”. A fenomenologia de *Sein und Zeit* seria, então, uma tentativa de aplicação da intencionalidade à compreensão da existencialidade do humano, sendo este apreendido em meio aos seus empreendimentos cotidianos, intencionalidade como abertura libertadora² – como menciona Lévinas (2000, p. 32): “a intencionalidade animando o próprio existir e toda uma série de ‘estados de alma’ que, antes da fenomenologia heideggeriana, passavam por ‘cegos’, por simples conteúdos”.

De fato, deixando de lado o famoso parágrafo 7 de *Sein und Zeit*, tal interpretação pode ser aferida tomando por base um dos discursos elaborados por Heidegger em 1963, por ocasião das comemorações em torno dos oitenta anos do editor Hermann Niemeyer (cujo nome ficaria historicamente vinculado ao da “fenomenologia”), posteriormente publicado no vol. 14 da *Gesamtausgabe [Zur Sache des Denkens]* sob o título: *Mein Weg in die Phänomenologie* (Meu caminho na fenomenologia). Trata-se de uma importante fonte para considerarmos tanto a apropriação heideggeriana da fenomenologia, como as primeiras impressões do jovem estudante de Freiburg em relação ao “grande professor” Edmund Husserl. Embora em 1963 Heidegger já contasse com 74 anos, as páginas iniciais do referido ensaio fornecem lembranças preciosas a respeito do itinerário que o conduziu ao contato com

² Essa interpretação foi difundida por Sartre (2005, p. 106): “Ser, é manifestar-se no mundo, é partir de um nada de mundo e da consciência para de repente se manifestar-consciência-no-mundo. Que a consciência tente se recuperar, de coincidir enfim com ela mesma, imediatamente, se fecham às janelas, ela se aniquila. Essa necessidade para a consciência de existir como consciência de outra coisa que ela, Husserl a nomeia de ‘intencionalidade’”.

a obra de Husserl e, posteriormente, à sua inserção no horizonte da fenomenologia propriamente dita. Daí nosso interesse por passá-las em revista.

Conforme deixa claro nos primeiros parágrafos de seu discurso, para Heidegger a fenomenologia, desde sua concepção, “representava o nascimento de uma nova tendência no interior da Filosofia europeia” (HEIDEGGER, 2009, p. 7). Mais que isso, as indicações de Husserl pareciam reclamar para a fenomenologia o estatuto de única filosofia autêntica, porque única filosofia exposta ao crivo do rigor. Aliás, segundo Heidegger (2009, p. 7), “as próprias exposições programáticas e declarações metodológicas de Husserl aumentavam o mal entendido de que a fenomenologia reivindicaria para si um início da filosofia que renegava todo o pensar precedente” – o que, absolutamente, não deve ser interpretado como correspondente à sua verdadeira intenção, embora resida aí um importante contributo para o reconhecimento de um primeiro ponto de unidade entre as fenomenologias de Husserl e Heidegger, qual seja: a tentativa de “reparar” a tradição (aquele, estabelecendo o que ulteriormente nomearia como uma *Erste Philosophie*, e este, pela destruição da metafísica e a proposta de uma ontologia fundamental – cf. § 11 de *Sein und Zeit*).

Dissensões à parte, o caráter confessional de *Mein Weg in die Phänomenologie* nos fornece o espectro do que representou o contato com Husserl e, por ele, com a fenomenologia para o percurso acadêmico do jovem Heidegger: “desde o primeiro semestre, estiveram na minha mesa de trabalho, no lar dos teólogos, os dois volumes das *Logische Untersuchungen* de Husserl” (HEIDEGGER, 2009, p. 3). Um pouco mais adiante, o tom extraordinário da narrativa denotaria ao acaso esta primeira impressão: como uma obra manifestamente pouco solicitada pelos estudantes acabara vindo parar sobre a mesa de trabalho de Heidegger – um ambiente, segundo suas palavras, “estranho” à sua presença.

No início de sua carreira acadêmica, o que o jovem estudante da Faculdade de Teologia da Universidade de Freiburg procurava na fenomenologia era, tão somente, um auxílio capaz de responder às indagações adquiridas após a leitura de *Von der mannigfachen Bedeutung des Seiendennach Aristoteles* (1862), de Franz Brentano. Acerca disso, Husserl e Heidegger compartilharam da mesma inspiração, embora o segundo, a partir da obra de Brentano, ainda a expusesse de forma bastante imprecisa: “se o ente se diz com significados múltiplos, qual será então o significado fundamental e condutor? O que significa ser?” (HEIDEGGER, 2009, pp. 3-4). Eis, portanto, um dos primeiros sinais relativos à gênese da ontologia posterior e maduramente desenvolvida

em *Sein und Zeit*. Para Heidegger, a filosofia de Husserl poderia lhe fornecer as condições necessárias para o entendimento de Brentano, como afirma: “eu esperava das *Logische Untersuchungen* de Husserl um esclarecimento decisivo para as questões que me suscitara a dissertação de Brentano” (HEIDEGGER, 2009, p. 4).

De qualquer forma, não podemos desprezar a impressão causada pela obra de Husserl ao então estudante, que continuou a lê-la várias vezes nos anos seguintes, sem, contudo, lograr suficiente compreensão daquilo que tão fortemente o mantinha vinculado a ela. Àquela altura, mais estranho que o nome da editora Niemeyer – àquela altura pouco conhecida no meio – figurava o termo que seguia como subtítulo ao segundo volume: “fenomenologia”.

Além de Brentano, outros nomes também contribuíram para o contato entre Heidegger e a obra de Husserl, particularmente as lições especulativas de Carl Braig – e a importância que este professor dava para a relação entre Ontologia e Teologia – e os cursos ministrados por Heinrich Rickert a partir de 1915, frente ao que Heidegger se manifesta:

[...] esta circunstância forçou-me, novamente, a estudar mais a fundo a obra de Husserl. Mas também este novo arranque seria insuficiente, por eu não ter ainda superado uma dificuldade fundamental. Tratava-se da simples pergunta pelo seguimento a dar ao procedimento do pensar a que chamou “fenomenologia”. O inquietante desta questão parecia ser a ambiguidade que resultava à primeira vista da obra de Husserl (HEIDEGGER, 2009, p. 5).

Por um lado, parecia se tratar de uma clara aversão ao psicologismo, isto é, à redução da realidade às formulações de um *eu* consciente de si – quase que à moda cartesiana. Apostando nesse sentido, o primeiro volume de Husserl, publicado em 1900, apresentava-se como uma refutação do psicologismo por via da lógica, ao provar que a teoria do pensamento e do conhecimento não poderia se fundar na psicologia. Por outro lado, Heidegger ainda não se considerava plenamente esclarecido do significado da delimitação brentaniana sobre os “fenômenos psíquicos”. Aliás, à primeira impressão Husserl parecia retroceder, graças a sua descrição fenomenológica da consciência, à posição psicologista por ele antes refutada. Diz Heidegger: “se, no entanto, não se podia imputar à obra de Husserl um erro tão grosseiro, a que corresponderia então essa descrição fenomenológica dos atos da consciência? O que seria o próprio da Fenomenologia, se ela não era nem lógica nem psicologia? Revelar-se-ia aqui uma disciplina filosófica totalmente nova, e além disso uma disciplina de mérito e preeminência próprios?” (HEIDEGGER, 2009, p. 6).

Daí que com Husserl Heidegger descobrira que a “fenomenologia pura” pretendia constituir-se como a “ciência fundamental”:

[...] “pura” quer dizer aqui “transcendental”. Mas “transcendental” supõe a alusão à “subjetividade” do sujeito cognoscente, agente e criador de valores. Ambas as denominações, “subjetividade” e “transcendental”, indicam que a Fenomenologia se virava consciente e decididamente para a tradição da filosofia moderna, ainda que de um modo tal que por ela a “subjetividade transcendental” alcançava uma determinabilidade mais originária e universal. A Fenomenologia conservava as “vivências da consciência” (HEIDEGGER, 2009, p. 6).

É provável que desta concepção de “intencionalidade da consciência” Heidegger tenha retirado alguma intuição para o desenvolvimento de sua analítica da existência. A partir da leitura heideggeriana a filosofia de Husserl deixaria seu estatuto de “filosoficamente neutra” para assumir seu lugar na “reestruturação do edifício” da própria filosofia. Isso porque para Heidegger leituras meramente históricas da fenomenologia não podem defini-la naquilo que ela é. Não se trata de simplesmente reduzi-la a um fenômeno marcante na seara filosófica do séc. XX. Por esse motivo, segundo nossa leitura, há na obra husserliana pressupostos para considerar seu propósito de reivindicar para si um início da filosofia – quiçá não ao ponto de renegar o pensar precedente, mas de dar-lhe nova interpretação. A fenomenologia, nesse sentido, realmente se imporia como uma nova forma de pensar, o que, segundo Heidegger, manifesta-se como um dos maiores contributos da fenomenologia para a filosofia de maneira geral – isso embora àquela altura o próprio Husserl já houvesse abandonado seu projeto inicial para se dedicar plenamente à estruturação da fenomenologia como ciência da consciência (conforme atestam as suas obras posteriores às *Logische Untersuchungen*).

Segundo apreendera de Husserl, Heidegger assumia a posição de que o ente fenomenológico não é acessado simplesmente pela via da percepção, como salienta: “este fascínio suscitava em mim uma inquietude persistente, que desconhecia as suas próprias causas, apesar de pressentir que ela nascia da incapacidade em alcançar, pela mera leitura de bibliografia filosófica, a compreensão clara dessa forma de pensar que se chamava fenomenologia” (HEIDEGGER, 2009, p. 8). Notadamente, a leitura de Heidegger direcionava-o para uma interpretação de fenomenologia como método de proceder da atividade filosofante. Nesse sentido, fenomenologia faz-se, não se aprende! Tal compreensão, porém, apenas se clarificaria quando da oportunidade de conhecer Husserl pessoalmente em seu gabinete e, posteriormente, de participar de seus cursos: “as lições de Husserl consistiam numa aprendizagem gradual da ‘visão’ fenomenológica, que pedia, por seu turno, não apenas a recusa de uma utilização sem mais dos conhecimentos filosóficos, como também uma

renúncia à menção, nas aulas e nos debates, da autoridade dos grandes pensadores” (HEIDEGGER, 2009, p. 9) – e outra vez o entendimento de “fenomenologia” como uma filosofia capaz de sustentar-se a si mesma, sem a necessidade de recorrência à autoridade do “já pensado” por outrem, ainda que pelos grandes intelectuais do passado.

Conforme reconhece o autor de *Sein und Zeit*, este seria o impulso para que sua filosofia passasse a adotar leituras não convencionais da história – procedimento, aliás, que levou Heidegger a ir além da fenomenologia, na opinião de Lévinas (2000), deixando-a de lado em função de análises excessivamente filológicas ou etimológicas³. Como primeira experiência Heidegger colocara em prática um seminário sobre Aristóteles, como lemos em sua descrição:

[...] quando, a partir de 1919, eu próprio, ensinando e aprendendo próximo de Husserl, me exercitei na visão fenomenológica e, simultaneamente, pus à prova, nos Seminários, uma leitura de Aristóteles diferente da habitual, retomei o meu interesse pelas *Logische Untersuchungen*, muito especialmente pela sexta, da primeira edição. A distinção, ali elaborada, entre intuição sensível e categorial, revelou-se a mim em todo o seu alcance, como capaz de determinar ‘o múltiplo sentido do ente’” (HEIDEGGER, 2009, pp. 8-9 – tradução levemente reformulada).

Este, curiosamente, foi um dos motivos que levaram Husserl a novamente publicar sua sexta investigação, apesar de a fenomenologia já se inclinar a novos horizontes de interesse. Diz Heidegger:

Foi assim que Husserl observou, magnânimo mas, no fundo, reprovador, como eu, fora dos meus cursos e aulas práticas, estudava semanalmente com grupos de Seminário de alunos mais avançados, as *Logische Untersuchungen*. Era sobretudo para mim próprio que a preparação deste trabalho era frutuosa. Foi então – no início mais movido por um pressentimento do que por uma inteligência clara do assunto – que aprendi o seguinte: aquilo que para a fenomenologia dos atos de consciência se realiza como o manifestar-se do fenômeno, foi mais originariamente pensado por Aristóteles e por todo o pensar e existência gregos, enquanto ἀλήθεια, o não-estar encoberto do que está presente, como o seu desencobrimento, o seu mostrar-se” (HEIDEGGER, 2009, p. 9).

³ Cf. Lévinas (2000, p. 33): “[...] penso que é graças ao *Sein und Zeit* que permanece válida a obra ulterior de Heidegger, que não produziu em mim uma impressão semelhante. Não é que seja insignificante; mas é muito menos convincente. [...] Talvez devido ao desaparecimento nela da fenomenologia dita; pelo primeiro lugar que começam a ocupar nas suas análises a exegese da poesia de Hölderlin e as etimologias”.

Esta interpretação, à luz do que Heidegger compreendia de Platão e Aristóteles, voltaria com bastante força no parágrafo 7 de *Sein und Zeit*. Por ora, para Heidegger, o que as investigações fenomenológicas tinham encontrado de novo, como atitude portadora do pensar, era, afinal, um traço fundamental já presente no pensamento grego, senão o traço que atravessara toda a filosofia enquanto tal – traço de dinamicidade criadora, força motriz para a *atitude fenomenológica/filosofante*.

Em Heidegger, tratava-se de uma filosofia cada vez mais orientada para a facticidade – uma filosofia que superaria, até mesmo, o traço característico de *Sein und Zeit*, em que *Dasein* acabara por centralizar o foco. “E quanto mais claro se me tornava esta noção, com tanta maior força se me colocava a questão: de onde vem e como se determina, segundo o princípio da fenomenologia, aquilo que deve ser experimentado como a ‘coisa ela mesma’? [*die Sache selbst*] Será ela a consciência e a sua objetividade, ou, antes, o ser do ente no seu não-estar-encoberto e no seu encobrimento?” (HEIDEGGER, 2009, p. 10). O itinerário da fenomenologia, que aqui se confunde no contato entre seus dois principais mentores, Husserl e Heidegger, forjar-se-ia, neste último, como um especial direcionamento à pergunta pelo ser, pergunta que, a partir de agora, somente poderia ser esclarecida pela “atitude fenomenológica”. Curiosamente, caberia à editora Niemeyer – aquela cuja presença marcara a mesa de estudos do jovem estudante – a tarefa de trazer a público o esforço de Heidegger em seu “caminho na fenomenologia”. Assim como os trabalhos de Husserl e de Max Scheller, tanto o nome de Heidegger como o da editora Niemeyer unir-se-iam de uma vez por todas ao da própria Fenomenologia – movimento que determinaria o espírito da época não apenas no meio filosófico, mas nos mais diferentes domínios.

Se, então, a pergunta de Heidegger pelo sentido do ser, ou melhor, por “o que significa ser”, já se valia da fenomenologia como caminho de uma possível resposta desde o seu primeiro contato, em 1910, somente no projeto *Sein und Zeit*, iniciado em 1923, esse tema se tornaria propriamente manifesto à luz de uma investigação fenomenológica. A esse respeito, o julgamento de Hervé Pasqua parece bastante oportuno, afinal, pela primeira vez, uma nova linguagem se propunha a um discurso sobre o ser – um abalo no seio da filosofia europeia. Por muito tempo fora proibido “falar do ser” na universidade alemã. Desde Brentano, tomar o ser como tema de investigação era algo praticamente impensado. Por conseguinte, escrever um livro cujo título começava por ser consistia, na literal acepção do termo, um desafio! (cf. PASQUA, 1993, p. 7). Disso decorre o efeito sintomático da epígrafe inaugural de *Sein und Zeit*, adotada

como comentário ao fragmento d’*O Sofista*,⁴ de Platão: “temos hoje uma resposta à pergunta sobre o que pretendemos significar propriamente com a palavra ‘ente’? De modo algum. Assim, é preciso, pois, refazer a *pergunta pelo sentido de ser*” (HEIDEGGER, 2012, p. 31).

(Re)colocar a questão do ser em foco, desvencilhada, por sua vez, do que Heidegger julgava como os “equivocos” (*Verfehlung/Vorurteile*) da metafísica exigiria a instauração de uma verdadeira revolução. É nesse sentido que, denunciando o seu esquecimento por parte da história da metafísica, Heidegger apresenta a proposta de *Sein und Zeit* de resgatar a questão do sentido do ser tomando-a sob o modo de uma analítica existencial (*der existenzialen Analytik*), cuja base de investigação partiria de um ente disposto no horizonte da temporalidade. Daí a noção de *destruição* (*Destruktion der Geschichte*), sendo que o sentido dessa palavra é claramente determinado no parágrafo 6 de *Sein und Zeit*. Por destruição o autor prevê a elaboração de uma perspectiva que parta da *clara et distincta* (para valermo-nos de um olhar não apenas fenomenológico, mas de herança marcadamente cartesiana) distinção entre ser e ente, por ele denominada como *diferenciação ontológica*. Destruição aqui não possui o “sentido *negativo* de arrasar a tradição ontológica. Ao contrário, ela deve definir e circunscrever a tradição em suas possibilidades positivas, e isso quer sempre dizer em seus *limites*” (HEIDEGGER, 2012, p. 87-89 – grifos nossos). Não se trata, por isso, de uma crítica dirigida apenas ao passado, seu efeito pretende atingir “o hoje e o modo predominante de tratar a história da ontologia” (HEIDEGGER, 2012, p. 89). De algum modo, segundo julgamos, a história da filosofia encontrava-se novamente posta aos pés da fenomenologia, num sentido de remissão – não muito diferente do que Husserl pretendia ao propor deixar de lado a tradição em vista da elaboração de bases mais seguras para a reconciliação da filosofia com a sua verdadeira vocação.

Em *Was ist das – die Philosophie?*, de 1955, Heidegger retornaria à noção de *destruição* estabelecida em *Sein und Zeit* a fim de novamente enfatizar que o termo continuava a não indicar “uma ruptura com a história, nem, tampouco, uma negação da história, mas uma apropriação e transformação do que foi transmitido” (HEIDEGGER, 1991, p. 20), noutras palavras, a implementação de uma leitura “fenomenológica” da história. Daí a possibilidade de encontrarmos também aqui resquícios da primeira influência de Husserl sobre seu pensamento, já que, em sentido análogo, “*destruição* não significa ruína, mas

⁴ “Pois é manifesto que estais de há muito familiarizados com o que pretendeis propriamente significar empregando a expressão *ente*, que outrora acreditávamos certamente entender, mas que agora nos deixa perplexos” (PLATÃO *apud* HEIDEGGER, 2012, p. 31).

desmontar, demolir e *pôr de lado*” (HEIDEGGER, 1991, p. 20 – grifos do autor), outra maneira de aproximarmos as fenomenologias de Husserl e Heidegger (*reduzir* seria, de algum modo, *destruir*, para, somente assim, *reparar*?!).

Embora, como dissemos, alguns textos do Heidegger tardio forneçam importantes pistas para pensarmos a sua relação com a fenomenologia – e aqui uma especial deferência a *Mein Weg in die Phänomenologie*, objeto de nossa incursão – estaria efetivamente a cargo de *Sein und Zeit* a função de divisor de águas entre o ideal fenomenológico husserliano e a guinada radical de uma fenomenologia como ontologia, tal como Heidegger a definira:

[...] ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas diversas que, ao lado de outras, pertencem à filosofia. Ambos os termos caracterizam a filosofia ela mesma, segundo o objeto e segundo o modo-de-tratamento. Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica do *Dasein*, a qual, como analítica da *existência*⁵, fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele *surge* e para onde ele *retorna* (HEIDEGGER, 2012, p. 129).

Em primeiro lugar pelo fato de que se é possível aferirmos alguma influência do pensamento de Husserl sobre a obra de Heidegger esta deve ser reconhecida, sobretudo e particularmente, a partir do que tange a *Sein und Zeit* – e aqui estaria a chave para encontrarmos tanto elementos de proximidade, quanto de distanciamento. Em segundo lugar, porque é o próprio Heidegger quem admite seu encantamento mais pelo impulso dado à fenomenologia, bem como pela originalidade de sua proposta em face da história da filosofia, que propriamente pelo que esta passou a significar para Husserl em seus escritos posteriores – uma ciência meticulosamente definida e voltada para dentro, como propõe a conclusão de *Cartesianische Meditationen*: “o oráculo délfico γνῶθι σεαυτόν adquiriu um sentido novo. A ciência positiva é uma ciência do ser que se perdeu no mundo. É preciso, antes de mais, perder o mundo pela *εποχη*, para o reencontrar numa tomada de consciência universal de si próprio. *Noli foras ire*, diz Santo Agostinho, *in te redi, in interiore homine habitat veritas*” (HUSSERL, 2001, p. 198).

Assim, a expressão utilizada ao final do parágrafo 7 de *Sein und Zeit* dá a entender que a apropriação da fenomenologia como única possibilidade de reconstrução da ontologia tem como meta “[...] pôr em relevo o ser do ente e explicar o ser ele mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 99). O termo ontologia, tomado enquanto identidade da filosofia, reclama a

⁵ “Existência” no sentido ontológico-fundamental, isto é, referida à verdade do ser ele mesmo, e somente assim! (Nota do Autor, doravante, N.d.A.).

especificidade de um método que lhe garanta a eficácia de sua abordagem. Esse método seria a fenomenologia,⁶ pois, para Heidegger, fenomenologia e ontologia comungam do objetivo de constituírem “uma disciplina a partir das necessidades de-coisa de um perguntar determinado e do modo-de-tratamento [*Behandlungsart*] exigido pelas ‘coisas elas mesmas’” (HEIDEGGER, 2012, p. 101). Com sua pergunta sobre o sentido do ser, a ontologia se poria ante uma questão diretora para toda a filosofia em geral, como pura possibilidade, o que Heidegger indica no primeiro apêndice ao texto de 1963: “aquilo que à Fenomenologia é essencial, não está em ser *efetivamente real* como ‘corrente’ filosófica. Acima da realidade está a *possibilidade*. A compreensão da Fenomenologia reside unicamente na sua captação como possibilidade” (HEIDEGGER, 2009, p. 13 – grifos do autor). A fenomenologia, através de seu postulado em prol das “coisas elas mesmas” [*die Sache selbste*], tornar-se-ia responsável pela abertura do horizonte metodológico necessário para a condução de uma problemática que, embora antiga, coloca-se à contemporaneidade como revestida de atualidade. Aliás, isso recorda o que Husserl já havia afirmado em *Erste Philosophie*: “a fenomenologia será a porta de abertura para toda a filosofia em geral” (HUSSERL, 1972, p. 6). A essa mesma *porta* acorreria Heidegger.

Por isso, em nenhum momento deve ser considerada aleatória a referência de Heidegger à fenomenologia de Husserl. Isso porque, conforme Loparic (2004), a contribuição de Husserl incidiu decisivamente sobre o pensamento heideggeriano, como seu motivo propulsor essencial. Mas em que exatamente se daria tal impulso? No fragmento que segue, extraído dos *Seminar in Zähringen*, de 1973, encontramos o esboço de uma resposta para esta questão. Nele Heidegger não somente aceita a influência de Husserl em seu pensamento, mas admite estar na fenomenologia a *conditio sine qua non* para a ontologia do *Dasein*:

Para que a pergunta pelo sentido do ser pudesse ser articulada, o ser precisaria ser *dado*, a fim de poder dirigir a ele [o ser] a pergunta pelo seu sentido. A contribuição de Husserl consistiu justamente nesta presentificação do ser, que está presente de modo fenomênico na categoria. Graças a essa contribuição, eu tinha finalmente um chão onde pisar: ‘ser’ não era um mero conceito, uma mera abstração, que estivesse alcançada mediante derivação” (HEIDEGGER *apud* LOPARIC, 2004, p. 71 – grifos do autor).

⁶ Cf. o Apêndice de 1969 ao escrito *Mein Weg in die Phänomenologie*: “aquilo que à Fenomenologia é essencial, não está em ser *efetivamente real* como ‘corrente’ filosófica. Acima da realidade está a *possibilidade*. A compreensão da Fenomenologia reside unicamente na sua captação como possibilidade” (HEIDEGGER, 2009, p. 13).

Noutras palavras, a fenomenologia é, para Heidegger, o terreno necessário para a ontologia, o que nos leva a reconhecer o sentimento da dívida de Heidegger para com Husserl, bem como o valor das três menções inscritas em *Sein und Zeit*, que, embora nem sempre compreendidas, realçam a importância deste para aquele. A primeira, como dedicatória: “dedicado a Edmund Husserl em preito de veneração e de amizade” (HEIDEGGER, 2012, p. 2). A segunda, como condicionante fundamental para a consecução do projeto *Sein und Zeit*: “as investigações que se seguem só foram possíveis sobre a base estabelecida por E. Husserl, cujas *Logische Untersuchungen* marcam o surgimento da fenomenologia” (HEIDEGGER, 2012, p. 129). A terceira, discretamente inscrita em nota de rodapé: “se a investigação que se segue dá alguns passos à frente para a abertura das ‘coisas elas mesmas’, o autor o deve primeiramente a E. Husserl, o qual, durante seus anos de estudante em Freiburg, mediante insistente direção pessoal e a mais livre cessão de investigações inéditas, familiarizou o autor com os mais diversos domínios da pesquisa fenomenológica” (HEIDEGGER, 2012, p. 131).

E quanto a hoje? – perguntaríamos. Qual seria a tarefa da fenomenologia para os dias atuais, para a posteridade filosófica legada desde Husserl aos trabalhos hoje empreendidos? A resposta oferecida por Heidegger em *Mein Weg in die Phänomenologie* não é das mais otimistas. Por detrás de seu aparente pessimismo, contudo, guarda a interpretação de um legado que não pode ser reduzido à bitola de um determinado fragmento da história, nem, tampouco, aos moldes de uma definição acomodada ao sentido que se lhe foi imputado. Logo, a fim de concluirmos, damos outra vez a palavra ao coautor da fenomenologia:

[...] o tempo da filosofia fenomenológica parece ter terminado. Temo-la como algo já passado, referido de uma forma apenas histórica, ao lado de outras tendências da Filosofia. Porém, a Fenomenologia, naquilo que lhe é mais próprio, não é de todo uma tendência. Ela é *a possibilidade do pensar*, que, indo-se transformando com os tempos, e só por isso, permanece como tal, para corresponder à exigência daquilo que há que pensar-se. Se assim fosse tomada e conservada, então bem pode desaparecer enquanto título, em favor da “coisa do pensar” [*Sache des Denkens*], cujo estar-revelado continua a ser um mistério (HEIDEGGER, 2009, pp. 12-13).

Referências

- HEIDEGGER, Martin. “La Fin de la Philosophie et la Tâche de la Pensée”. In. *Kierkegaard Vivant*. Colloque organisé par l’Unesco à Paris du 21 au 23 avril 1964. Traduction par Jean Beaufret et François Fédier. Paris: Gallimard, 1966. pp. 165ss. Tradução brasileira de Ernildo Stein: “O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento”. In. *Conferências e escritos filosóficos*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. pp. 65-82. (Coleção Os Pensadores)
- HEIDEGGER, Martin. “Mein Weg in die Phänomenologie”. In. *Zur Sache des Denkens*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2007. *Gesamtausgabe*: Band XIV. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Tradução portuguesa de Ana Falcato: *O meu caminho na fenomenologia*. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, LusoSofiaPress, 2009. (Textos Clássicos de Filosofia)
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977. *Gesamtausgabe*: Band II. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Tradução brasileira, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho: *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. “Was ist das – die Philosophie?”. In. *Wegmarken*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976. *Gesamtausgabe*: Band IX. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Tradução brasileira de Ernildo Stein: “O que é isto – a filosofia?”. In. *Conferências e escritos filosóficos*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. pp. 07-24. (Coleção Os Pensadores)
- HUSSERL, Edmund. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Auf grund des nachlasses veröffentlicht vom Husserl-Archiv (Louvain) unter leitung vom H. L. Van Breda. Martinus Nijhoff, 1973 [Husserliana I]. Tradução portuguesa de Maria Gorete Lopes e Sousa e introdução de Antônio Magalhães: “Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia”. Porto: Rés, 2001.
- HUSSERL, Edmund. *Philosophie Premiere: première partie*. Traduction et avant-propos par Arion L. Kelkel. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução de Luísa Buarque de Holanda; revisão técnica de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Dicionários de Filósofos)
- LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2000.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. (Passo-a-passo, 32)

PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Tradução de Joana Chaves. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993. (Pensamento e Filosofia)

SALANSKIS, Jean-Michel. *Husserl*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. (Figuras do Saber, n. 16)

SARTRE, Jean-Paul. *Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité*. Tradução de Ricardo Leon Lopes: “Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade”. In. *Veredas FAVIP*, Caruaru, vol. 2, n. 1, jan/jun, 2005. pp. 102-107.